

A ESCOLA COMO UM MUNDO QUE NÃO FOI ORGANIZADO A MEU FAVOR: QUE NOTA DOU A ELA?

*Sofro, desde a epigênese da infância, a influência má dos signos do zodíaco.
(Augusto dos Anjos)*

Os primeiros passos de minha vida escolar foram regulados pelo desinteresse. Decerto, eu não me sentia parte do processo educacional. Sempre como “a aluna faltosa”, os laços afetivos eram fragilizados, os conhecimentos fragmentados e o “móbil” a mera passagem de uma sala para a outra. Dentro deste contexto, considerava-me a aluna do 7,0 (sete): nas notas, nas relações, no comportamento.

Como disse Charlot (2000, p. 54), a criança mobiliza-se, em uma atividade, quando investe nela, quando faz uso de si mesma como de um recurso, quando é posta em movimento por móveis que remetem a um desejo, **um sentido**, um valor. Contudo esse sentido parecia-me cada vez mais distante.

Os meus 7,0 (setes) eram intencionais, assim utilizados como a única meta para se alcançar o móbil. Este consistia na simples aprovação de ano, ou seja, “os setes” bastavam para se chegar a este objetivo. A nota garantia a minha aprovação, de modo que eu não precisava caprichar no trabalho e nem estudar muito, pois ganhava tempo para outras atividades bem mais prazerosas, por exemplo, brincar na rua com os amigos.

A ideia de ser alguém ainda estava muito distante e só veio surgir após anos e nas relações fraternas que eu cativei quando frequentei a Igreja Batista no período da adolescência. Foi nessa época, ao ver os amigos queridos entrarem na Universidade e no mercado de trabalho, que eu passei a entender de fato o “papel da escola”.

Pensando nessa trajetória, coloco-me a pensar: eu não me sentia parte integrante da escola, mas adorava participar dos eventos que aconteciam no chão da igreja. Diante disso, “o desejo de ser alguém” só brotou a partir das relações que tive na instituição religiosa. Charlot (2000, p. 61) enfatiza dizendo: “o conhecimento é o resultado de uma experiência pessoal ligada à atividade de um sujeito provido de qualidade afetivo-cognitivo”.

Além de não me sentir parte integrante da escola, algumas experiências contribuíram para esse desencantamento, como a que irei narrar em seguida. Refletindo minhas memórias, entendi que, na maioria das vezes, a escola foi sinônimo de desprazer e desarmonia.

Desse modo, as experiências por mim vivenciadas na escola nem sempre foram satisfatórias. Ao contrário, por diversas vezes, colocavam-me no mar da exclusão. Assim, para melhor elucidação, segue o breve relato de uma das experiências que vivi aos 9 anos de idade, quando cursava a 3ª série (4º ano).

“Lembro-me com muito decoro dos tempos em que eu era criança e das muitas vezes em que fui injustiçada na escola. Ah! Minhas escolas... É necessário falar sempre no plural, porque foram muitas.

O lugar de encantos, encontros e aprendizados torna-se, muitas vezes, o lugar do abandono. O abandono do respeito, da esperança, da solidariedade, do amor e da confiança.

Dentre muitas experiências negativas vivenciadas no contexto escolar, não podia deixar de narrar a apimentada discussão que eu tive com a tia Lurdinha.

A sala da 3ª série B ficava afastada das demais. Por isso, tinha um banheiro dentro da sala para evitar as saídas dos alunos. Eu, por exemplo, não conseguia ir ao banheiro, pois tinha vergonha do barulho da descarga e dos olhares dos colegas.

Naquele dia, um amiguinho, dos poucos que eu tinha, foi ao banheiro fazer o número 2, quando escutei aquela voz suave: – **Kadydja, Kadydja, Kadydjaaaa!** Era ele, com a voz um pouco trepidante e tímida, pedindo para eu conseguir papel higiênico. Prontamente, com o fiel objetivo de ajudá-lo, corri para o banheiro mais próximo, peguei o papel higiênico e retornei rapidamente. Entreguei-o e fui sentar, satisfeita por ter feito uma boa ação.

Porém, para minha surpresa, escutei aquela voz dura e forte dizendo: – **Kadydja, por que você saiu sem minha autorização? Eu num já falei que não podia!** Ainda tentei explicar, da maneira mais discreta possível, mas não obtive sucesso. Irritada, ergui minha voz e respondi, grosseiramente: – **Fui ajudar meu coleguinha que estava no banheiro, e pronto!** Imediatamente, e no mesmo tom de voz, a professora respondeu: – **Se ele te mandar comer merda, você vai?** Fiquei decepcionada com o posicionamento da que seria minha mestra e, sem me conter, respondi: – **E isso é coisa que uma professora diga?**

Tal situação foi o suficiente para eu provar, todos os dias, dos olhares raivosos, do tom de voz irritado, da falta de paciência e do medo de falar. Todos os dias, eu e a tia Lurdinha íamos para nossas casas pelo mesmo caminho, entretanto ela atravessava a rua só para não cruzar comigo. Ignorava minha presença e sempre falava com dureza no olhar. Perdi a vontade de ir à escola e fiquei totalmente desanimada. Sem mais aguentar esse infortúnio, resolvi falar para minha mãe. Esta foi à escola dialogar com a diretora, que me transferiu, imediatamente, para a turma A.

Ao chegar à nova turma, ouvi da professora: – Deixe ela comigo. Aqui eu aprumo ela! Simplesmente, baixei a cabeça e silencieei. Estudei mais do que os outros dias, ajudei, participei, e a professora da turma A abraçou-me, pediu desculpas e, finalmente, me enxergou como uma criança.”

Refletindo sobre essa passagem de minha vida escolar, nunca entendi o porquê de eu ter sido punida por ajudar um amigo. Senti-me injustiçada, pois sempre acreditei que

quem deveria ter mudado de sala não era eu, mas a professora. A propósito dessa relação social com o saber, afirma Charlot (2000, p. 73, grifo nosso):

“O mundo” é aquele em que a criança vive, um mundo desigual, estruturado por relações sociais. “EU”, “o sujeito”, é um aluno que ocupa uma posição, social e escolar, que tem uma história, marcada por encontros, eventos, rupturas, esperanças, a aspiração de “ter uma boa profissão”, a “tornar-se alguém”, etc. “O outro” são os pais que atribuem missões ao filho, professores que “explicam de maneira mais ou menos correta, que estimulam ou, às vezes, proferem insuportáveis **“palavras de fatalidade”**”.

Naquele momento, eu estava aprendendo a ser solidária, sentimento substituído pelo ódio e o rancor, despertados pela intolerância da professora. Estes eu também aprendi.

Dentro desse contexto de encontros e desencontros, a escola deixou de ser um espaço interessante mas necessário na construção de minha identidade. Por isso, o “móbil” era passar de ano, e “os setes” eram minha meta. Como diz Charlot (2000, p. 72, grifo nosso): **“eles precisam, efetivamente, aprender o uso de um mundo que NÃO foi organizado em seu favor”**. Hoje, eu entendo que a escola foi o mundo que não foi organizado em meu favor.

Referências

ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. São Paulo, Martins Fontes, 1994.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**; Tradução de Bruno Magne – Porto Alegre, Artmed, 2000.

Kadydja Menezes da Rocha Barreto

Graduada em Letras pela UEPB (2006), com especialização em Língua, Linguagem e Literatura; bacharela em Direito pela Faculdade Maurício de Nassau (2015). Cursa especialização em Direito do Trabalho e Previdenciário na atualidade pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Exerceu o cargo de gestora na Escola Municipal Tharcilla Barbosa da Franca no biênio 2013 – 2014, na rede municipal de João Pessoa. Atualmente, é professora de Língua Portuguesa, na modalidade EJA. Iniciou sua trajetória escolar em 1987, com 4 anos de idade, numa escolinha de bairro, e terminou o Ensino Médio com 18 anos (2001). O fato narrado neste artigo ocorreu em 1992, aos 9 anos, quando cursava a 3ª série primária.

E-mail: kadydjamenezesrocha@gmail.com

Recebido em: 30/09/2016

Aprovado em: 18/11/2016